

INTERVENÇÃO PROFERIDA NO PLENÁRIO DA A.L.R.A.A.

Senhor Presidente,

Senhoras e Senhores Deputados

Senhora e Senhores Membros do Governo

No património cultural dos povos ocupa lugar de destaque a música. No património cultural, social e cívico das comunidades rurais da nossa Região, quiçá do nosso país, avultam como um valor fundamental no seu acervo patrimonial as Filarmónicas, também chamadas de Bandas Filarmónicas ou Bandas de Música, ou ainda simplesmente, e em separado, Banda ou Música, enfim, diferentes nomes que no fundo se referem sempre à mesma Instituição.

Contudo, estes diferentes nomes por que são chamadas estas instituições reflectem maneiras muito diferentes de as compreender e que tentarei explicar nesta minha intervenção.

O primeiro elemento invocado a propósito das filarmónicas é o de serem os “Conservatórios do Povo”, isto é, onde se aprende música recorrendo não às grandes Escolas da especialidade, mas sim à passagem do testemunho de geração em geração. Depois, são locais de “bons hábitos”, frequentados por pessoas de todas as idades e diferentes condições económicas, políticas e sociais.

Local por excelência para desviar a juventude dos maus caminhos, sendo em muitos casos o único ponto de encontro de comunidades mais ou menos rurais.

São também elementos indispensáveis nas paisagens festivas das nossas vilas e freguesias, animando procissões e arraiais, sendo por vezes nalguns casos autênticas bandeiras, embaixadoras das comunidades, terras ou instituições que as albergam.

Noutros casos, já existem também as que se assumem como formações de nível musical superior, isto é, formações cujo objectivo primeiro é fazer concertos de grande qualidade musical para públicos seleccionados. Outras há ainda, que já conseguem ser fonte de rendimento para maestros e músicos, ocupando deste modo lugar no mercado de trabalho, muito embora esse fenómeno ocorra em reduzido número na nossa Região. Fenómeno esse que, quanto a mim, nem devia existir, pois a essência das Filarmónicas sempre se pautou pelo regime de voluntariado.

Resumindo, todas são um pouco de tudo, ainda que em diferentes graus para cada uma das variáveis.

Aliás, o grande mérito destas instituições, que de resto tem garantido a sua sobrevivência ao longo dos tempos, é conseguir ser tudo isto. São escolas primárias, liceus e universidades, são trabalho e são lazer, são agência de viagens e ponto de encontro, são família, são lar e são conflito de gerações e mentalidades, são prestadoras de serviços profanos e

religiosos, são responsabilizar e ser responsável, são um sem número de funções num só corpo e espaço. Quando algumas destas funções estão em baixa, outras se evidenciam para assegurar a continuidade do grupo.

Contudo, hoje, com a crescente especialização de saberes, alguns problemas se levantam a estas centenárias instituições.

Senhor Presidente,

Senhoras e Senhores Deputados

Senhora e Senhores Membros do Governo

Não é de esperar que uma filarmónica consiga cumprir igualmente bem todas as funções que desempenha. Por exemplo, para obter qualidade musical superior, tem de se ensaiar durante todo o tempo disponível com os melhores músicos, o que não deixa espaço para a sociabilização dos elementos do grupo, e obriga a deixar de fora os elementos musicalmente menos aptos.

Ao mesmo tempo, os encargos financeiros com uma formação musical superior para todos os músicos não é compatível com o ensino gratuito, em associações caracteristicamente de poucos recursos financeiros, que cumprem maioritariamente funções que não colocam a qualidade musical como prioridade. Ou seja, prioritariamente, ou se sociabiliza, ou se ensina, ou se faz música, ou se faz outra coisa qualquer. Tudo, ao nível que hoje é exigido para cada uma das funções, começa a não ser possível. E é aqui que

parece residir uma das questões mais actuais na análise das nossas Bandas Filarmónicas. Trata-se, em suma, de uma questão de *identidade*.

Se mudam os actos em que as filarmónicas desempenham funções, também estas têm de mudar. Repare-se que estamos a falar de festas, arraiais e procissões, onde as bandas filarmónicas têm vindo a ser pura e simplesmente substituídas em algumas das suas funções, até há bem pouco tempo exclusividade sua, por aparelhagens sonoras, grupos musicais vários, artistas, conservatórios, etc.. Há trinta, quarenta ou cinquenta anos aprender música nos Açores ou era na banda ou não era. Ouvir Rossini, ou era na Banda ou não era. Possibilidade de encontro entre amigos num ambiente cultural saudável, ou era na sala de ensaio e nos dias de festa, ou não era. Hoje todas estas funções são (também) desempenhadas por outros agentes que não a Banda Filarmónica.

As soluções encontradas pelas Bandas têm sido, na sua grande maioria, enfrentar a concorrência, isto é, desafiar alguns dos agentes musicais que, de alguma forma, as tentam substituir e que até nalguns casos já as substituíram.

Senão, veja-se:

- Depois de muitas décadas a praticar o ensino da música pelo método que melhor servia as suas intenções, as bandas assistiram a um crescer de escolas de música com o ensino oficial, as academias e os conservatórios. Então, passaram de imediato a utilizar também nas suas escolas o modelo

de ensino destes estabelecimentos oficiais, ao invés do modelo que lhe era característico.

- Outra questão, será a ideia de que se os conjuntos tocam música que agrada mais aos jovens, então muda-se o repertório. E temos hoje a maior parte do concerto, ou a de “maior sucesso”, preenchida com arranjos de música ligeira, e que supostamente agrada mais ao público.

- Outro dos problemas tem a ver com a mudança dos tempos e das vontades, quer isto dizer, que a banda está a tocar mas a comissão de festas não desligou a música ambiente da festa: o povo come, bebe, conversa e deita foguetes, numa total falta de respeito com o trabalho dos músicos no coreto.

Senhor Presidente,

Senhoras e Senhores Deputados

Senhora e Senhores Membros do Governo

Com a mudança nestas três dimensões, o *ensino*, o *repertório* e as *funções da festa religiosa tradicional*, tocou-se nos três principais elementos que constroem a identidade de uma banda filarmónica, desde a sua origem até aos princípios dos anos 80 do século passado. Estamos, pois, a entrar num novo ciclo da história das bandas de música. Surgem novas formações. O profissionalismo e o mercado de trabalho provocam mudanças inevitáveis, mesmo nas instituições de menores recursos financeiros. Os modelos de gestão administrativa tradicionais não são

compatíveis com as exigências da sociedade actual, sendo este o sector das bandas que porventura atravessa a maior crise.

As decisões mais importantes da vida de uma Filarmónica deixaram de o poder ser pelo abaixamento súbito da sua média etária.

Desceu a média etária dos filarmónicos, aumentou significativamente a sua qualidade musical.

Mudou grande parte das funções desempenhadas, permaneceram os modelos de gestão.

Mudam os locais de concerto, permanecem os públicos.

Contratam-se maestros e professores especializados, mantêm-se as mesmas fontes de receita.

Toca-se repertório do agrado da juventude, mas quem ouve e apoia a banda nos momentos de crise são os mais velhos.

O público reconhece o grande valor das filarmónicas, contudo não vai ao auditório ouvir a banda mas vai ao arraial ouvir o artista.

Os músicos passaram a comprar os seus instrumentos, porém não tocam com os seus instrumentos nas festas.

Todos querem mais qualidade para a filarmónica, mas primeiro está a vida de cada um.

Todos requerem apoios, mas ainda é significativo o número dos que continuam sem contabilidade organizada.

Senhor Presidente,

Senhoras e Senhores Deputados

Senhora e Senhores Membros do Governo

É, pois, um momento importante e decisivo para o seu futuro, aquele que vivem actualmente as bandas filarmónicas. Ainda que em crise de identidade, não se trata de crise existencial comparável com a vivida à época da guerra colonial ou da emigração. Pelo contrário, as bandas filarmónicas estão activas como nunca, e embora muito nos escape sobre o real papel que ocuparam e ocupam na sociedade, são hoje um testemunho claro de vida associativa e cultural, um exemplo para a Região, para o País e para a Europa.

Estas são sobejas razões para justificar a continuação e mesmo o reforço por parte das entidades públicas, designadamente o Governo Regional, do apoio às nossas Bandas Filarmónicas que, como disse o Presidente Carlos César, no discurso proferido no dia 10 de Agosto de 2004 em Angra do Heroísmo, por ocasião da inauguração do Palacete dos Silveira e Paulo, constituem “um riquíssimo património de arreigada tradição”.

Património e tradição que não podemos perder.

Senhor Presidente,
Senhoras e Senhores Deputados
Senhora e Senhores Membros do Governo

Permitam-me que termine com uma saudação e uma palavra de apreço para todas as Filarmónicas dos Açores, maior bastião da cultura popular do nosso povo.

Disse.

Sala das Sessões, em 11 de Maio de 2005

O Deputado Regional,

José Eduardo